

CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO

Rudolfo Lago/Correio da Manhã



Barreirinhas: mudança no IR é questão de "justiça"

Secretário sobre IR: "Ninguém vai deixar de ser milionário"

"Estamos preparados para o debate", disse o secretário da Receita Federal, Robinson Barreirinhas, aos deputados da Frente Parlamentar do Comércio e Serviços (FCS), em almoço na quarta-feira (9), com relação ao projeto que isenta quem ganha até R\$ 5 mil do Imposto de Renda. O almoço reforçou o que já se sentia desde que o projeto foi entregue pelo governo: no mérito,

ninguém parece ser contra ele. O que, porém, não significa que a aprovação será fácil na sua integralidade. O problema está na compensação, especialmente na possível taxa sobre o dividendo das empresas. Tomando a presença parlamentar no almoço, que o Correio Político acompanhou, ficou claro que esse será o grande ponto de resistência. E de provável mudança.

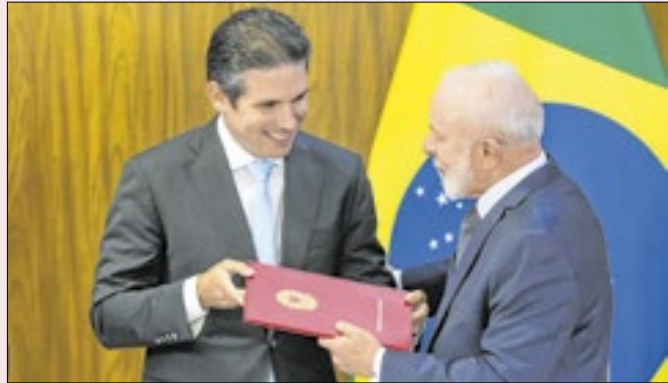
Mudanças

Quando recebeu o projeto, das mãos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), já tinha sinalizado que ele provavelmente sofreria mudanças. Ou "aperfeiçoamentos", como disse. O almoço sinalizou o caminho.

Perdas

De acordo com a própria Receita Federal, a perda estimada ao isentar quem ganha menos de R\$ 5 mil será de R\$ 27 bilhões. Para compensar, o governo propõe tributar em 10% quem ganha mais de R\$ 50 mil. Como são somente 0,13% da população, pode não ser suficiente.

Fabio Rodrigues-Pozzebom/ Agência Brasil



Motta avisou a Lula que projeto deverá ser modificado

Governo preparou-se para debater os mais ricos

Há resistências também à taxa dos mais ricos. E, para elas, o governo, como mostrou Barreirinhas no almoço, preparou-se. "Ninguém vai deixar de ser milionário", provocou o secretário da Receita Federal. A exposição que apresentou mostra como a taxa proposta é pequena sobre os mais ricos. Hoje, a isenção total é

para quem ganha até R\$ 2,3 mil. Quem ganha até R\$ 3 mil, já paga 7,5%. E os que ganham acima de R\$ 4,6 mil, entram na alíquota de 27,5%. Para compensar, estabelece-se a cobrança sobre os que ganham mais de R\$ 50 mil. Mas em valores que ainda ficarão abaixo dos 27,5%. Mas não foi esse o ponto de oposição.

Justiça

Segundo Barreirinhas, a proposta é uma questão de "justiça". Segundo mostrou, 69,18% do trabalho assalariado brasileiro é tributado. Mas 80,73% dos rendimentos de alta renda são totalmente isentos. E a tributação do salário dos mais ricos é de somente 5,27%.

Já foi assim

Deputado de oposição, o presidente da FCS, Domingos Sávio (PL-MG), resumiu a boa aceitação do projeto. Segundo ele, em 1996, quem ganhava até oito salários mínimos era isento de Imposto de Renda. Se esse valor for atualizado, ficará em torno de R\$ 5 mil.

Pouco

Ao mostrar simulações, Barreirinhas demonstrou como os mais ricos não pagarão muito mais imposto. Um investidor com uma renda anual de R\$ 780 mil, por exemplo, hoje paga 2,1% de imposto. Passará a pagar 3%. O que ele terá de pagar a mais corresponderá a 0,9%.

Dividendos

O problema está na taxa dos dividendos. Esse foi o contraponto no almoço, feito na Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil (CACB). "Se houver essa taxa, o Brasil perderá competitividade externa", alertou a Confederação.

Pedro Lucas deve assumir pasta das Comunicações

Substituição de Juscelino Filho deve dar início a reforma

Por Gabriela Gallo

O União Brasil aguarda o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) retornar de viagem internacional para oficializar o nome do líder do partido na Câmara dos Deputados, Pedro Lucas Fernandes (MA), para assumir o Ministério de Comunicações. Atualmente, o presidente participa da 9ª Cúpula de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac), evento no qual ele discursou nesta quarta-feira (9). A chegada de Lula a Brasília estava prevista para a madrugada desta quinta-feira (10).

Nos bastidores, o chefe do Executivo já concordou com a indicação de Pedro Lucas como seu próximo ministro. A expectativa é que o presidente aproveite a saída de Juscelino Filho para anunciar uma nova reforma ministerial, visando as eleições de 2026. A ideia é que Lula amplie os espaços do Centrão para obter dos partidos do grupo apoio à sua reeleição. Tomando-se o exemplo do União Brasil: enquanto a ala opositora lança o nome do governador de Goiás, Ronaldo Caiado, para a presidência, o ministro do Turismo, Celso Sabino, defende que o partido apoie Lula. É esse tipo de situação que Lula pretende reforçar.

"Atrasada"

Ao Correio da Manhã, a Diretora de Relações Governamentais da BMJ Consultores Associados Rebeca Lucena concorda com a troca do Ministério das Comunicações acelera a movimentação da reforma ministerial que, na avaliação dela, "já começa atrasada".

"Em um momento de negociações delicadas no Congresso, especialmente com o envio do projeto que trata da isenção do Imposto de Renda, o governo precisa reforçar sua base de apoio", destacou à reportagem.



Bruno Spada/Câmara dos Deputados

Entrada de Pedro Lucas deve deflagrar mudança mais ampla no governo

Na mesma linha, o advogado especialista em relações governamentais Isaac Simas ainda completa que o presidente precisa definir a formação ministerial de seu governo até o final do ano "para acomodar quem realmente vai apoiar o PT e a sua eleição, ou de seu substituto, nas eleições gerais de 2026".

Para Rebeca Lucena, as pastas que devem estar no radar para mudança são o Ministério do Turismo, remanejando o atual ministro Celso Sabino (União Brasil) para outra pasta, e o Ministério do Desenvolvimento Social, apesar deste demandar "mais cautela por envolver programas prioritários do governo". Ela também não descarta eventuais trocas nos ministérios do Esporte e da Pesca porque, apesar de serem considerados ministérios de menor orçamento, eles tem "valor político na composição com o Centrão".

A especialista em relações governamentais avalia que uma possível troca seria realocar Celso Sabino no Ministério de Ciência e Tecnologia (hoje ocupado por Luciana Santos, do PCdoB) e indicar o deputado Pedro Paulo (PSD-RJ) para assumir o Ministério do Turismo. "Essa troca

fortalece dois aliados importantes: o União Brasil, que ganharia uma pasta com orçamento mais robusto, e o PSD, ampliando sua presença no governo. No entanto, há um ponto sensível: a possível redução no número de ministros no primeiro escalão, o que pode gerar críticas ao governo", ponderou Lucena.

União Brasil/PSD

Para a reportagem, o especialista em relações governamentais Isaac Simas concorda que os principais nomes para assumir os ministérios são representantes do União Brasil e do PSD, que têm uma relação ambivalente com o governo federal. E a possível troca gera uma racha entre as siglas.

Por exemplo, na última semana o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), anunciou sua pré-candidatura à presidência em 2026. O apoio, ou não, do partido na campanha presidencial de Caiado entra em conflito com ala que integra ao governo federal. No caso do PSD, o presidente do partido Gilberto Kassab é próximo do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), outro nome cotado para representar a direita na próxima corrida eleitoral à presi-

dência. Com isso, ambos os partidos precisam definir se seguirão em cargos na Esplanada ou se desembarcarão do governo.

"Fica aquele jogo de xadrez em que ninguém quer mover a primeira peça. O PSD quer ficar quietinho até o Tarcísio decidir se vai sair candidato ou não para o Kassab ir para o governo. O União Brasil também deixa o Caiado falando, mas continua na base do governo, até porque o partido tem muita expressão tanto no Nordeste quanto no interior do Brasil", afirmou Simas.

"A acomodação desses partidos [no governo] pode vir a, inclusive, moldar o cenário presidencial no ano que vem. E para fazer essas acomodações, provavelmente vão ser movidas peças em ministérios do PT ou de partidos que integram a base do PT de uma forma que não vão abandonar o barco. Por exemplo, hoje [o Ministério de] Ciência e Tecnologia é chefiado pela presidente nacional do PCdoB, Luciana Santos. É um caso que, se trocar, não vai fazer tanta diferença política com o Lula. Outra coisa é tirar algum ministério que já é do PT e não tem um quadro muito desenvolvido politicamente", ele completou.

Lula em Honduras: "Guerras comerciais não têm vencedor"

Da Redação

No meio da guerra comercial que envolve os Estados Unidos e a China depois da decisão do presidente estadunidense de impor ao mundo um tarifaço, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva defendeu que os países da América Latina e do Caribe se unam em torno da candidatura única de uma mulher da região para o cargo de secretária-geral da Organização das Nações Unidas (ONU).

A declaração foi dada durante a 9ª Cúpula de Comunidade de Estados Latino-americanos e Caribenhos (Celac), nesta quarta-feira (9), em Tegucigalpa, capital de Honduras.

A disputa imposta por Trump vem desafiando os mecanismos multilaterais de negociação do planeta. Trump desdenha dessas organizações, inclusive a ONU e tenta forçar que as conversas se tornem bilaterais. Lula é um dos principais defensores do multilateralismo.

"A Celac pode contribuir para resgatar a credibilidade da ONU, elegendo a primeira mulher secretária-geral da organização", afirmou Lula.

Guerra comercial

"Guerras comerciais não têm vencedores", discursou Lula.



Ricardo Stuckert / PR

Lula prega união contra guerra comercial de Trump

Na mesma quarta-feira (9), nos EUA Trump recuava da decisão inicial sobre o tarifaço criando uma sobretaxação igual de 10% para os países, com exceção da China, para a qual abriu uma guerra. A China resolveu exercer reciprocidade contra os EUA aumentando a taxa de importação dos produtos produzidos no país presidido por Trump. Em contrapartida, Trump resolveu aumentar também a taxa sobre os produtos chineses. Na quarta-feira, essa queda de braço elevava para 104% os preços dos produtos chineses nos EUA e para 125% o valor dos produtos dos Estados Unidos na China.

"A liberdade e a autodeterminação são as primeiras vítimas de

um mundo sem regras multilateralmente acordadas. Imigrantes são criminalizados e deportados sob condições degradantes. Tarifas arbitrárias desestabilizam a economia internacional e elevam os preços", destacou Lula. "Quanto mais fortes e unidas estiverem nossas economias, mais protegidos estaremos contra ações unilaterais", prosseguiu o presidente.

Solidariedade

Ao todo, a Celac reúne 33 países latino-americanos e caribenhos. A presidente do México, Claudia Sheinbaum, foi na mesma linha de Lula. "Considero que hoje, mais do que nunca, é um bom momento para reconhecer que América Latina e

Caribe requerem solidariedade e unidade de seus governos e de seus povos, a fim de fortalecer uma maior integração regional, sempre no marco do respeito mútuo e observância e soberania e independência de nossos países e acordos comerciais que cada um pode ter", disse Sheinbaum.

"Existe uma agenda proposta para a solidão e uma agenda proposta para a ajuda comum. E depende do que escolhemos como prioridade. A agenda da solidão só tem dois nomes: imigrações e bloqueio. A agenda da ajuda comum é mais complexa, mais difícil, mas muitíssimo mais interessante para todos e todas aqui presentes", reforçou o líder colombiano, Gustavo Petro.

Celac

Fundada em fevereiro de 2010, a Celac reúne os 33 países da América Latina e do Caribe que abrangem uma área de mais de 22 milhões de km², o que equivale a cinco vezes o território da União Europeia. A população total somada, de 670 milhões, é o dobro do número de habitantes dos Estados Unidos.

Após a cúpula, Lula retorna ao Brasil, onde deve desembarcar na madrugada desta quinta-feira (10), em Brasília.

Com informações de Pedro Rafael Vilella, Agência Brasil